

A JUSTIFICAÇÃO DA VONTADE MORAL FRENTE AO MUNDO CONTEMPORÂNEO (DA SENSACÃO À VONTADE, O PERCURSO NATURAL DO DESENVOLVIMENTO DA MORALIDADE NA CONSCIÊNCIA HUMANA)

*Madelon Pires Palmeira**

Resumo: Esta pesquisa se propõe a analisar a existência de um elemento anterior a vontade que seja seu fundamento. Partindo da consideração de que a vontade é responsável pela ação humana no mundo natural em sentido amplo e pela criação de um mundo dos valores, visto que o mundo quando simplesmente natural, apenas “é” e o mundo como criação humana (moral) “deve ser”. Para realização desta, efetuaremos a análise das obras de David Hume, Tratado da natureza humana” e “Investigação acerca do entendimento humano” apresentadas mediante a exposição das considerações referentes à moral expostas nas obras “crítica da razão pratica” e “Antropologia de um ponto de vista pragmático” de Immanuel Kant.

Palavras-chave: existência, ser, querer, dever, legitimidade.

O mundo passa do que é ao que deve ser (como aquilo que deve adequar-se ao homem).

No entanto esta formulação é logicamente falha, não apenas por incorrer na celebre falácia naturalista³, mas por ocultar o elemento de ligação entre ser e dever (o fundamento do dever).

Na obra de Immanuel Kant mais explicitamente na sua segunda crítica encontramos uma vontade humana que é apresentada como a força motriz a mover as decisões humanas em direção a realização do dever, o ser racional age apenas pela vontade de agir de acordo com uma lei que lhe é dada pela razão.

* Universidade Federal de Pelotas- UFPel

Já na sua obra “antropologia de um ponto de vista pragmático” Kant traz elementos de uma moralidade adquirida ao apresentar o que ele chama de “aparência moral permitida”:

Feitas as contas, quanto mais os seres humanos se tornam civilizados, tanto maior é o número de atores; eles aparentam simpatia, respeito pelos outros, recato, altruísmo, sem enganar ninguém com isso, porque cada um dos demais está de acordo que não se está sendo exatamente sincero, e também é muito bom que as coisas sejam assim no mundo. Pois, porque os homens representam este papel, as virtudes, cuja aparência apenas afetam por um longo espaço de tempo, são por fim pouco a pouco realmente despertadas e passam a fazer parte do caráter. (...) enganar, porém, o enganador que há em nós mesmos, enganar a inclinação é, por sua vez, voltar a obedecer à lei da virtude, não engano, mas inocente ilusão de nós mesmos. (KANT, 2006, p50).

O ponto acima em Kant é muito próximo às considerações de David Hume que defende ser a moralidade fundada no comportamento humano.

A questão que nos colocamos aqui é: é possível justificar a moralidade através das teorias éticas já difundidas, frente ao mundo contemporâneo ou seria necessário para isto buscar pelo elemento que realmente a fundamenta e que não nos foi apresentado?

O homem é... Através daquilo conhece.

David Hume diz que tudo que o homem cria, utilizando sua capacidade racional, se origina nas experiências vivenciadas (nada existe na razão de forma inata).

Visto que a experiência é a relação entre o homem e o elemento empírico (objeto ou fato) temos em Hume que todo o conhecimento nasce da nossa forma de consciência destes elementos que nos são dados através dos sentidos, que se dividem em impressões externas e impressões (percepções) internas (percepções e impressões são modos de perceber).

As impressões externas são relativas aos objetos e nos são fornecidas pelos sentidos, já as percepções internas são relativas às sensações de prazer ou desprazer (produzidas em nós num primeiro momento, acreditamos pela recepção do objeto através dos sentidos).

Estes elementos (impressões, percepções) são à base de toda possível produção de conhecimento em nós, e são o conteúdo de toda possibilidade de produzirmos conhecimento.

Na base do conhecimento, nós temos uma forma “simples” de conhecer (digo forma simples apenas para demonstrar a evolução das associações processadas pela mente, até o estabelecimento de relações complexas), associamos, estabelecemos relações entre os objetos que nos são dados, entre si ou associamos estes objetos a sensações internas ou ainda associamos objetos ou situações a idéias obtidas através de outras impressões e de forma ainda mais elaborada associamos idéias a outras idéias.

Porem mantemos de maneira constante, numa interação dos sentidos externos com o sentido interno todas estas formas de associações acompanhadas da sensação de prazer ou desprazer

Os primeiros, os sentidos externos são provenientes de órgãos que são afetados e seus conteúdos nos são dados pela natureza (mundo) que é a realidade empírica palpável, o segundo, o sentido interno nos é apresentado ao nos confrontarmos com a natureza (realidade empírica) é uma capacidade de sentir (sensação de prazer ou desprazer) os sentidos enquanto provenientes dos órgãos, demonstram a muito tempo um mesmo padrão de conhecimento, em termos de função.

Nós humanos somos dotados de cinco sentidos, tato, visão, audição, olfato e paladar e segundo David Hume nós temos uma sensação que é um sentido interno, nós só podemos conhecer o mundo utilizando estes sentidos e só conhecemos do mundo os objetos que nele existem, e que como coisas

existentes afetam nossos sentidos, no entanto, estas interações com o mundo exterior, sempre são acompanhadas da sensação interior, de prazer ou desprazer na experiência.

Se tivermos em mente a seguinte formulação, o sol esquentando a pedra, temos na experiência desta proposição: o sol (objeto empírico) a visão sentido, a pedra (objeto empírico) o calor percebido pelo tato (percepção) disso estabelecemos uma noção de causa (empírica) o sol observado pela minha visão incidindo sobre a pedra e de efeito a pedra quente, sentida pelo meu tato sensação da minha pele ao tocar a pedra.

Na obra “investigação acerca do entendimento humano” Hume diz que:

(...) “o intelecto jamais poderá encontrar o efeito numa suposta causa mesmo pelo mais apurado estudo e exame, por quanto o efeito difere radicalmente da causa, e por isso não pode de nenhum modo ser descoberto nela (...) uma pedra ou um pedaço de metal erguido no ar e deixado sem nenhum apoio cai imediatamente; mas quem considera este fato a priori poderá descobrir na situação alguma coisa que sugira a idéia de um movimento para baixo e não para cima, ou qualquer outro movimento na pedra ou no metal. (HUME, 2004, p51).

Nesta passagem Hume nos diz que o fundamento da causalidade, está num conhecimento empírico e se estabelece em nós através do hábito. Disto evoluímos para uma relação de causa e efeito que não se prende apenas as funções dos órgãos (sentidos) e aos objetos (empíricos).

Pois temos sempre; todas as experiências acompanhadas de outro efeito (mesmo que às vezes de forma imperceptível) da sensação de prazer ou desprazer e conseqüentemente da “vontade” de manter ou eliminar a sensação) portanto a consideração do que o fato causa em mim.

(Neste momento percebemos um terceiro elemento na experiência, que parece ser a peça central, pois tudo o que ocorre na experiência se torna secundário diante da sensação ou sentimento despertado no “eu” e este “eu” se expressa através de uma vontade).

(Talvez com base nisso a imaginação humana estabeleça a existência de um “eu” ou de uma consciência, que se auto-inquiri como se respondesse a outro “eu” superior.

Porem nada há, ao menos enquanto realidade que extrapole a experiência, que é a interação do homem com o objeto natural que vai se transformando à medida que a capacidade de relacionar idéias (as quais em Hume são frutos das impressões, tanto interna, quanto externa) vai evoluindo.

As paixões ou sentimentos morais são provenientes das sensações assim como as idéias são oriundas das impressões. Nada é produto independente da racionalidade humana, sempre houve uma percepção de algo exterior que gerou algo que criamos e acreditamos não possuir a maternidade da natureza.

Nós partimos das considerações de Hume no tocante aos objetos do conhecimento humano anterior a toda elaboração do conhecimento, ou seja, o conhecimento (empírico) para na seqüência explicar o conhecimento elaborado pelo homem relação do empírico com a imaginação, para compreensão de como funciona a mente humana na criação de seu próprio universo (ético cultural).

Na forma mais primitiva de exemplificar a criação do mundo pelo homem temos a relação de causa e efeito, que é segundo Hume uma associação do habito a freqüência da ocorrência de um evento transformada por nós em uma ordem inerente ao universo instituída por uma inteligência superior absoluta, que determina a forma como os eventos ocorrem necessariamente, sem espaço para a contingencia, as coisas são o que são e não poderiam ser diferentes, desta crença errada na forma de entender a

causalidade para a elaboração de um Deus governante desta, a imaginação não deve ter encontrado nenhuma resistência considerável da razão.

A nossa consciência de mundo tem sua origem no encontro de um, sujeito (animal) e um objeto (natural).

O conhecimento do mundo é composto de sujeito e objeto, ou seja, o conhecimento é criado “a partir de” o que significa “elaborado” por um sujeito (ação) pensante_ e um objeto que é pensado (predicado).

Na seguinte formulação: Todo o conhecimento é produzido por um sujeito que se relaciona com um objeto e experimenta suas propriedades.

Ou podemos colocar da seguinte forma: o conhecimento é produzido pelo homem-ser animal, em grau o mais racional, com uma imaginação altamente desenvolvida. Que se relaciona com os objetos naturais de forma passiva.

Primeiramente recebendo estes através dos seus sentidos (relação).

Para num momento imediatamente posterior *a mente* o raciocinar, dizendo o que este objeto é (substantivo) e lhe atribuir qualidades (predicado)

A imaginação atribui entre outras coisas função.

Construção do mundo humano (conhecimento humano).

Ex- A pedra é um algo que existe que possui propriedades as quais o homem denominou ex: dura, fria, pesada.

E logo após imaginou para esta uma utilidade.

Todo o conhecimento vem de algo, coisas que existem independentes do homem.

O Algo que serve para algo? É conhecimento construído pelo homem.

A grande contribuição de Hume esta na inferência que diz:

Os objetos existem, ou seja, o mundo existe e nós construímos o conhecimento partindo da relação com estes objetos da natureza, que tem sua origem natural no mundo. “objetos empíricos”

Este seria segundo Hume o primeiro passo para a elaboração do conhecimento.

Porem o autor aponta na seqüência para as formas como evoluem as engrenagens do pensamento através da associação do conhecimento objetivo com a imaginação.

Para os racionalistas a causalidade possui um status necessário, a relação necessária de causa e efeito constituem o cerne de sua metafísica de uma causa x segue-se sempre irreversivelmente um efeito y e este efeito esta associação, de causa e efeito denominada causalidade é a base do conhecimento seguro e inquestionável. (dogma racionalista).

Hume diz que a causalidade é a grande responsável pelo nosso sucesso em sobreviver (nosso sucesso e de outros animais), mas apesar da sua importância esta não possui um status necessário ou infalível, nem tampouco esta relação é percebida apenas por nossa suprema racionalidade.

Muito ao contrario do que acreditavam os racionalistas a relação causal não perfaz uma conexão necessária, portanto não possui nenhum caráter absoluto, mas sim contingente, as relações necessárias e as verdades apodíticas pertencem ao âmbito das ciências matemáticas.

Portanto as realidades dos fatos do mundo são governadas pela contingencia, o que nos mostra que podemos acreditar que os fatos que vemos se repetir desde sempre, servem para fundamentar nossas crenças na sua repetição para organizar nossas ações cotidianas, mas estas crenças não podem alicerçar nossas bases científicas.

Não podemos fazer ciência utilizando nossos conhecimentos comuns a respeito dos fenômenos naturais, mesmos que estes elementos se mostrem uteis para nossa sobrevivência como se mostrou a crença na causalidade.

Immanuel Kant não concordava assim como Hume com a noção de causalidade racionalista (dogmática), mas afirmava uma causalidade no homem, para este filósofo a forma de organizar os fenômenos que se seguem de forma (causal) é um método que dispomos justamente para que estes fenômenos fiquem em nossas mentes ordenados, organizados apesar de respeitar a realidade destes fenômenos que no mundo, desassociados da nossa racionalidade, são contingentes.

No entanto a capacidade racional supostamente enaltecida por Kant é nos escritos de Hume concernentes a moral, alvo de críticas.

Pois segundo Hume a mesma inconsistência observada na crença de que pode a razão descobrir efeitos em supostas causas, está presente na crença de uma moral independente do empírico ou daquilo que nos é despertado através deste, o sentimento.

David Hume, diz que a paixão quando despertada volta-se para a consideração do eu, a idéia do eu é o objeto das paixões, mas não sua causa, nada, portanto possui maior importância do que a reflexão sobre o eu para o qual tudo converge, em vista do qual a vida se opera, mas o que é esse eu , segundo Hume é a soma de todas as vivências deste, é um ser que possui potencialidades que se desenvolvem através das suas experiências portanto entre o que é e o que podemos ser enquanto o vir a ser é sempre propiciado por uma sensação precedente não existe a princípio a possibilidade de extrairmos um dever.

O que existe no homem derivando de suas sensações ou sentimentos é um querer.

Do ser podemos extrair somente o querer, e isto não é uma falácia naturalista como extrair do que é o dever, no entanto se pensarmos que os sentimentos evoluem e que o grau de conhecimento pode elevar o homem a uma capacidade de raciocínio incomum para a maioria dos homens, e se, além disso, tivermos em mente que para Kant, as capacidades mentais estariam se encaminhando para um pleno desenvolvimento, não nos causaria estranheza que a sensação transformada em sentimento da qual se extrai o querer em Hume se transforme através do reconhecimento da necessidade de sua existência enquanto fundamento da moral um dever auto instituído para o homem em posse de um desenvolvimento mental (racional) pleno.

Esta forma de desenvolvimento da moralidade enquanto fundamentada no querer humano, evoluindo para uma responsabilidade reconhecida pelo homem que atinge a maioridade em sua forma de ser racional de forma tão plena que se torna capaz de se auto- instituir um dever como algo que ele não simplesmente quer, mas algo que por sua própria natureza ele é obrigado a obedecer, a nosso ver promove a única possibilidade de formação moral e também a única forma de fundamentar uma ética frente o mundo contemporâneo.

Referências bibliográficas:

KANT, I. *Antropologia de um ponto de vista pragmático*. Trad. Clélia Aparecida Martins. São Paulo: Iluminuras, 2006.

_____. *Crítica da razão prática*. Trad. Valerio Rohden. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

HUME, D. *Investigação acerca do entendimento humano*. Trad. Anoar Aiex. São Paulo: Nova Cultura, 2004. (coleção os pensadores).

_____. *Tratado da natureza humana*. Trad. Déborah Danowsk. São Paulo: Unesp, Imprensa oficial, 2001.